

JOSÉ  
LEITE DE VASCONCELOS  
(1858-1941)

PEREGRINO DO SABER



MUSEU  
NACIONAL DE  
ARQUEOLOGIA

**INCM**  
IMPRESA NACIONAL E FACILIDADE

# Leite de Vasconcelos, a Arqueologia e os municípios

SANTIAGO MACIAS\*

Agradeço, muito sinceramente, o convite para estar presente nesta sessão. Homenagear os que antecederam as nossas gerações é um ato de justiça, um gesto de reconhecimento e uma atitude que dignifica quem tanto se esforçou e que dignifica também quem promove a homenagem. Cabe aqui uma palavra muito especial ao Dr. Luís Raposo por todo o empenho posto não só nesta iniciativa como em tantas outras que prestigiaram o Museu Nacional de Arqueologia, dando-lhe um lugar de destaque no contexto dos museus nacionais. Igual palavra de reconhecimento é devida ao Dr. António Carvalho, atual diretor do museu, que tem tido a sabedoria de continuar e mesmo aprofundar a obra do seu antecessor.

Saúdo o Prof. Carlos Fabião, com quem partilho esta sessão, arqueólogo de renome e uma das não muitas pessoas que tem refletido e escrito sobre a evolução da arqueologia em Portugal, trazendo a terrenos importantes contributos teóricos. Será dele, certamente, a reflexão mais importante sobre Leite de Vasconcelos, no contexto da presente evocação.

Não sou um especialista na obra de Leite de Vasconcelos, nem sequer um dos seus estudiosos. Poderão então perguntar qual o sentido da minha participação. Como todos nós, considero-me devedor profundo da obra de Leite de Vasconcelos, que me tem acompanhado ao longo de toda a minha vida profissional. Mas, na realidade, aceitei o convite que o Dr. Luís Raposo me fez pelo facto de Leite de Vasconcelos ter exercido a sua atividade num contacto permanente com o terreno, em sucessivas e exaustivas recolhas, o que o fez correr o País de lés-a-lés, contribuindo para um despertar de consciências

---

\* Investigador do Programa Ciência 2008 da FCT (Universidade de Coimbra — CEAUCP/CAM). Presidente da Câmara Municipal de Moura.



e para uma recolha de materiais, de informações e de conhecimentos que se viriam a revelar de crucial importância científica e de insubstituível valor para a construção da imagem e para a descoberta de um Portugal que ele ajudou a construir. Mas foi o facto de ser hoje investigador da Universidade de Coimbra e presidente da Câmara Municipal de Moura, no Alentejo, que me levou a participar na homenagem a Leite de Vasconcelos. Por um lado, porque ele esteve diretamente ligado a vários estudos realizados no meu concelho. Depois, porque foi o inspirador direto de uma dissertação de licenciatura — *Monografia Arqueológica do Concelho de Moura* — do seu discípulo José Fragoso de Lima, que constitui, passadas mais de sete décadas, importante base de trabalho, em termos informativos. Finalmente, porque a presença da História, da Arqueologia, do Património e da Cultura são decisivos para o desenvolvimento dos municípios portugueses. A participação dos investigadores na vida política é tão necessária como a de qualquer outro setor da sociedade.

Recorro ao prólogo de *Religiões da Lusitânia*, obra intemporal e inspiradora. Cito: «em 1892 devia realizar-se em Lisboa a 10.<sup>a</sup> sessão do Congresso Internacional dos Orientalistas, ao qual eu tencionava oferecer uma memória sobre as *Religiões da Lusitânia* [...]. Afinal o Congresso não se realizou [...]» O Fundo Monetário Internacional surgiu em 1944, o Banco Central Europeu apenas em 1998. Não podem ser responsabilizados. Mas razões financeiras poderão ter estado na raiz do adiamento, uma vez que em 1892 Portugal teve uma das suas cíclicas bancarrotas. O congresso viria a ter lugar em Genebra, em 1894. Nota à margem: estava inscrito no encontro suíço um português, José Maria Rodrigues, da Universidade de Coimbra, que acabou por faltar.

Esse contratempo não impediu Leite de Vasconcelos de fundar, em 1893, o Museu Ethnographico Portuguez, e de dar início à edificação de uma publicação, hoje imprescindível: a revista *O Archeologo Português*, cujo primeiro número é dado à estampa em 1895. Mas é a peregrinação de Leite de Vasconcelos pelo País real, circulando de terra em terra, que se revelará decisiva para a construção do conhecimento e para a estruturação de obras como *Etnografia Portuguesa* e *Religiões da Lusitânia*. Esta última é publicada, em três volumes, entre 1897 e 1913. A escrita obedeceu a um critério cronológico, que começa na Pré-História e termina, na prática, no período romano. Apenas as últimas 45 páginas são reservadas às chamadas religiões da época dos bárbaros.

Um dos méritos maiores de Leite de Vasconcelos, do qual todos somos grandes devedores e grandes tributários, foi a sua capacidade de associar os conhecimentos académicos a uma leitura etnográfica dos territórios no seu dever permanente. Os grandes factos da história são seguramente importantes. Mas não mais do que os pequenos objetos do quotidiano, associados às crenças, aos gestos e à cultura de um povo. A compreensão do método de construção

de um templo romano, nas suas proporções vitruvianas, é-nos essencial. Mas não mais do que a leitura da arquitetura tradicional e do que entendimento da ligação do homem à terra. Foi isso que Leite de Vasconcelos nos explicou, com detalhe, ao longo de milhares de páginas. Foi essa aproximação à realidade que, mais tarde, nos ajudou nos nossos percursos de investigação e na leitura das nossas escavações arqueológicas.

Quando o 25 de Abril de 1974 chegou o panorama cultural do interior do País era um deserto penoso. O conhecimento histórico-arqueológico de vastas áreas do território caracteriza-se, com algumas honrosas exceções, pela inépcia, pelo acientifismo e pelo amadorismo. Os museus municipais não passavam de armazéns onde, com frequência, se misturavam, sem critério nem leitura, peças da maior qualidade com os óculos já sem préstimo do seu responsável. Isto não é uma figura de estilo, estou a relatar um facto que presenciei há muitos anos, não importa onde.

É o decisivo papel das autarquias, acompanhado por uma imprescindível renovação na universidade, que vem dar um extraordinário impulso ao avanço da investigação. Recordo que as bolsas de estudo eram, nessa altura, raras e os apoios à investigação parcos e insuficientes. Constato, com mágoa, que 40 anos depois regressámos à casa de partida e não falta gente nos centros de decisão que olhe os arqueólogos e os historiadores como sibaritas e dissipadores dos magros recursos da Fazenda Pública.

Nos anos que se seguiram a 1974 muitas autarquias apoiaram projetos de investigação saídos das universidades, a que breve trecho se juntaram os de uma nova geração que então começou a espalhar-se pelo território nacional. Projetos como os que têm, ainda hoje, lugar em Mértola e em Silves assumiram um decisivo papel de estudo e de divulgação de um obscuro e exótico período islâmico. Os primeiros, e ainda que tímidos, esforços de valorização dessa época estão presentes nas páginas de *O Archeologo Português*, com as leituras e traduções de várias peças de epigrafia e com a divulgação de achados numismáticos. Quase todos esses programas de trabalho se aliaram, depois do 25 de Abril, a planos de divulgação locais e à valorização do património e da identidade de cada sítio. Tributário de Leite de Vasconcelos é, em toda a sua dimensão, esse esforço de compreensão. Permito-me destacar, e não por estar presente um dos seus autores, o projeto de Mesas do Castelinho, desenvolvido ao longo de duas décadas e meia num inóspito cerro do interior alentejano. A ligação à comunidade e a integração e apropriação dos resultados de um estudo académico por parte da comunidade local não seriam possíveis sem essa proximidade que tantas vezes acompanhamos nas páginas de Leite de Vasconcelos.

Muitas vezes, o seu trabalho não era de escavação, em termos formais. Mas a sua observação do território e a permanente recolha de peças fizeram que

o labor desenvolvido tivesse contribuído para ajudar a construir a coleção do Museu Nacional de Arqueologia. O seu método implicava proximidade: «não só me informei de tudo ou quase tudo o que em Portugal se tem escrito sobre estes assumptos, [...] mas percorri grande parte do país, a fim de conhecer melhor os monumentos de que tenho de tratar». Do ponto de vista científico, os objetivos a que se propunha podem ser questionáveis, designadamente pelo seu marcado positivismo — mas nisso, como em tantas outras coisas, quem nunca pecou que atire a primeira pedra — e depois pela procura, e aqui estou a citar o texto de Carlos Fabião, das «tradições populares como depósito de remotas reminiscências das religiosidades pagãs».

O trabalho realizado em Mértola nos últimos 35 anos é-lhe devedor. Leite de Vasconcelos aí se deslocou várias vezes, disso nos deixando interessantes relatos nas páginas de *O Archeologo Português*. Quando, em finais do século XIX, Leite de Vasconcelos chegou a Mértola há muito que o brilho daquela que fora uma importante cidade dos circuitos mediterrânicos se esbatera: «Mértola está hoje muito decaída do esplendor d'outr'ora, e só pela sua posição topografica, entre a Betica e a Lusitania, na margem do Anas, e a pouca distancia da foz, se explica esse esplendor, porquanto é terra arida, coberta de lousas tristes, e nua de arvoredo. Todavia passaram ali todas ou quasi todas as civilizações da nossa terra. [...] Alem das investigações que Estacio da Veiga empreendeu, e das poucas coisas que fiz agora, é necessario ainda prosseguir com muito afan no estudo da antiga Mertola, para esta se poder conhecer mais miudamente: há ainda muita cousa enterrada, que é conveniente trazer á luz.» De facto, assim seria. Leite de Vasconcelos ali identificou cerca de duas dezenas de cistas, recolheu uma *larnax*, bem como moedas e cerâmicas romanas. Procedeu ainda a uma brevíssima intervenção no Rossio do Carmo do qual nos deixou apenas algumas notas e um *croquis*. Foi provavelmente nos trabalhos realizados por Leite de Vasconcelos (ou até nos de Estácio da Veiga) que se recolheram as «três vasilhas visigóticas» e as «quatro lucernas paleocristãs» ou ainda a pulseira em cobre com duas cabeças do Museu Nacional de Arqueologia. As 11 sepulturas escavadas pertencem, pela sua tipologia construtiva e pela orientação que apresentavam, ao cemitério da Alta Idade Média que ocupou os terrenos do Rossio do Carmo. Dá-nos um interessante testemunho sobre as ruas da vila: «por toda a vila [...] se encontram a cada passo nos muros, nas ruas, nos edifícios, ora columnas lisas ou com labores, ora várias pedras de caracter archaico, que revelam a antiga grandeza, e a successiva decadencia». Foi preciso esperar oito décadas para que os trabalhos arqueológicos naquela vila fossem retomados.

Em 1939, já com mais de 80 anos, ainda acompanhava jovens estudantes pelos campos do Alentejo, publicando textos em desconhecidos periódicos como



o *Jornal de Moura*. É também essa dimensão local e o papel que, indiretamente, teve na arqueologia da minha terra que me faz hoje estar aqui dando modesto testemunho sobre este homem da cultura.

Há coisas que hoje me continuam a assombrar na obra de Leite de Vasconcelos? Decerto que sim. É notável a sua capacidade de trabalho, traduzida numa invulgar organização, que lhe permitia reunir, compilar e interpretar dados. Obras como *Religiões da Lusitânia* são resultado de muitas horas de trabalho de investigação, depois traduzidas nesta síntese. Naquela época não havia computadores pessoais, processadores de texto, digitalizadores ou simples fotocópias. Mesmo as simples máquinas de escrever eram uma raridade. Recordo estas carências tecnológicas para sublinhar o esforço de organização que obras tão monumentais requeriam.

Se me perguntassem qual o aspeto que mais me interessa em Leite de Vasconcelos arqueólogo diria, sem hesitação, que é a ligação que faz entre a História, o homem, o seu meio e as suas crenças mais antigas. Ou seja, quase todo o segundo volume de *Religiões da Lusitânia*, na secção que se refere às divindades, às crenças e aos cultos. É uma abordagem quase panteísta, sublinhando o papel das pedras sagradas, dos bosques, dos rios, das fontes e dos pontos estratégicos nas margens do mar. Adquire particular relevo a importância dada às divindades de cada região, sem as quais se torna incompreensível o fenómeno dos santos de expressão local, que emergem na Alta Idade Média e que só um discurso normalizador viria a quase eliminar. Digo quase porque muitas comunidades rurais continuam a venerar santos não oficiais. Leite de Vasconcelos gostaria de saber que coisas assim, vivas e coloridas, se mantêm no século XXI. As páginas dedicadas ao culto de Endovélico, de Atégina ou de Trebaruna não só denotam erudição profunda, como nos ajudam a entender que o registo de materiais feito teve por fim a compreensão e explicação de um fenómeno histórico e social. Esse trabalho facilitaria também a recolha de material epigráfico, que hoje é uma das razões de orgulho do museu que fundou.

Sendo autodidata, e sempre mais preocupado com a interpretação do que com os aspetos formais da escavação, Leite de Vasconcelos tinha particular preocupação com o registo dos materiais e de tudo o que observava.

Médico, museólogo, linguista, etnólogo, arqueólogo, Leite de Vasconcelos é, provavelmente, um dos últimos homens do Renascimento do nosso país. O seu espólio conserva-se no Museu Nacional de Arqueologia. O seu exemplo também.

Por tudo isto, pelo esforço, pela tenacidade, pelo exemplo e pela proficiência de Leite de Vasconcelos, necessitamos de reinvestir na cultura. Com a noção muito clara que esse é, claramente, um dos elementos diferenciadores do

progresso e do desenvolvimento. No meio de todas as dificuldades, é também nestas áreas que a nossa atenção se deve focar. A arqueologia e a investigação, que tanto beneficiaram nas últimas décadas, não podem ser abandonadas à sua sorte e à mercê de contabilidades momentâneas. Em nome daquilo que tem vindo a ser feito nas últimas décadas e em respeito pelo legado de homens como Leite de Vasconcelos.

Cortar em bibliotecas em tempo de recessão é como cortar nos hospitais durante uma epidemia, escreveu uma bibliotecária canadiana. Já vi muitos ministros em centros comerciais. Não me recordo de me ter cruzado com algum numa biblioteca, numa livraria ou num museu. O notável trabalho desenvolvido nos museus portugueses nas últimas décadas permitiu-nos dar passos significativos em termos de conhecimento e de divulgação. O subdesenvolvimento cultural é a causa do subdesenvolvimento económico, não o contrário. Grande parte do trabalho desenvolvido no Museu Nacional de Arqueologia nas últimas décadas — falemos deste porque é a este que a memória de Leite de Vasconcelos se liga — não implicou gastos faraónicos. Foi, sim, fruto de atos de gestão cuidados e da inteligente e prestigiante direção que Luís Raposo lhe imprimiu. Contrariamente ao estilo português manifestou em voz alta discordâncias com a tutela. Pagou por isso.

O exemplo de Leite de Vasconcelos enquanto arqueólogo, o seu amor a este nosso querido País, levam-me a sublinhar a convicção de que o caminho passa por uma responsabilização coletiva em torno do património e da nossa memória coletiva. Enquanto investigador da Universidade de Coimbra e presidente da Câmara de Moura continuarei a lutar por isso. Os trabalhos de reabilitação que, modestamente, temos vindo a concretizar serão continuados. A arqueologia terá neles a parte que lhe cabe. Temos, nos municípios, a obrigação de respeitar o legado que nos foi deixado. E de o melhorar e transmitir às próximas gerações. É uma ideia que está presente, quase sempre de forma subliminar, nas páginas escritas por Leite de Vasconcelos.

Há um paradoxo, notado por Carlos Fabião, no seu texto: o facto de ter conhecido o País a partir de Lisboa, tendo sido um «centralista que produziu uma obra incontornável para qualquer estudo de índole local ou regional». Desconfiava da capacidade e da competência dos agentes locais. Por isso, diz Fabião, Leite de Vasconcelos não é hoje popular. Permito-me discordar, acentuando o paradoxo. Foi justamente o seu centralismo que salvou, decerto, muita informação e sem ele muita coisa teria desaparecido. Mas isso não é, agora, justificação para um regresso ao passado.

Ao contrário do que recomendam as regras, e escritores como Ernest Hemingway insistiam neste tópico, usei abundantemente os adjetivos ao longo do texto. Não foi um lapso, foi um gesto deliberado. Foi uma forma de

valorizar o que Leite de Vasconcelos nos legou e de sublinhar a importância do seu labor. Em 2016 assinalam-se os 75 anos do seu desaparecimento. Esta iniciativa prova que Leite de Vasconcelos permanece vivo e bem presente para todos nós. Celebrando-o, celebramos também o seu amor ao povo português. Dignificando a sua memória dignificamos também a memória de todos os que, desde 1974, ajudaram a reconstruir um país e a devolvê-lo ao seu povo. «Povo que canta, nunca se rende», diz uma canção corsa que Michel Giacometti imortalizou entre nós. É importante recordar tudo isto, neste ano em que celebramos os 40 anos do dia da libertação.